

SEMANA DO ABRAÇO: NUTRINDO UMA ESCOLA INFORMAL AFETIVA EM UM ESPAÇO FRIO E FORMAL

Rony Henrique Souza

RESUMO

Este artigo tem o intuito de retratar faces e interfaces de uma experiência vivida no Colégio Estadual Professor Edgard Santos na cidade de Governador Mangabeira – Bahia, intitulada Semana do Abraço. Evento este que tinha como objetivo propor a todos os membros da comunidade escolar uma semana de afetos, com palestras e reflexões direcionadas, dinâmicas de grupo, apresentações artísticas, esporte e lazer. Uma semana repleta de símbolos, signos e significados. Na semana dos estudantes buscamos desaprender, descer dos pedestais mascarados pelos *lattes*, para de olho no olho refletir sobre a escola como um espaço singular de promoção da vida caminhando na contramão de um projeto arcaico proposto pelo sistema.

PALAVRAS CHAVE – Escola, afeto e educação informal.

ABSTRACT

This article aims to portray faces and interfaces of an experience in the State College Professor Edgard Santos in the city of Governador Mangabeira - Bahia entitled Hug Week. This event that aimed to propose to all members of the school community a week of affections, with lectures and directed reflections, group dynamics, performing arts, sports and leisure. A week full of symbols, signs and meanings. Week students seek unlearn, down from pedestals masked by lattes to eye to eye to reflect on the school as a unique promotion of life walking in the opposite direction of a project proposed by archaic system.

KEYWORDS – School, affection and informal education.

As experiências formativas dos professores influenciam as ações cotidianas da escola, que, por sua vez, evidenciam traços de sua vida

pessoal. No movimento contrário, posso afirmar, da mesma forma, que a pessoa do professor é formada pelas vivências produzidas na escola e pelas experiências dos processos formativos da docência, entrelaçando-se com os contextos históricos, sociais e econômicos ao mesmo tempo (JESUS e SONNEVILLE 2008, p. 69).

UMA PROPOSTA OUSADA

O que realizar para a Semana do Estudante aqui no CEPES¹⁷? Era esta a pergunta e a provocação da diretora. Ao parar, pensar e questionar sobre as principais demandas da escola, ficou decidido que viveríamos pela primeira vez no CEPES a Semana do Abraço. Dialogando com o pensamento de D'ávila (1992, p. 40) percebemos que, “[...] antes de mudarem os currículos, é necessário que se mudem as posturas, as atitudes dos formadores”. A sugestão foi que a semana fosse repleta de afetos.

A proposta era simples. Era preciso mudar a postura. Os gestos, palavras e expressões diriam mais que a frieza da lousa e não seria o piloto a demonstrar os conteúdos, mas a singeleza dos abraços. O desafio foi que, antes de o professor iniciar qualquer atividade, que o mesmo abraçasse todos os seus estudantes e que este gesto se repetisse durante toda a semana. Paralelo a isto, cada turma recebeu o título de um afeto: amor, carinho, compreensão e etc. Em cima do número que identificava a sala foi colocado o nome do afeto que aquela sala representava.

As palestras estariam também voltadas para estas vivências. Neste intuito convidamos pessoas que desenvolveriam sua fala nesta perspectiva. Temáticas como leis, limites, famílias e sexualidade deram a tonalidade do evento.

A proposta visava uma informalidade diante do formal. Vida em meio ao frio dos muros e cercas. Abraçar é se envolver. É sair de si para reconstituir-se no outro. Tudo diante da perspectiva heideggeriana do cuidado. Contudo, é preciso ousar, acreditar, triplicar-se para tentar levar o melhor aos discentes envolvidos no processo. Como bem salientou Tombara 2008, [...] até que ponto o profissional da educação não está submetido à lógica do trabalho não produtivo e, em função disso, expõe-se a um processo de exploração mais acentuado (TOMBARA 2008, p. 22).

¹⁷ Colégio Estadual Professor Edgard Santos – localizado na cidade de Governador Mangabeira/BA.

Neste sentido gestos simples como a mudança de posturas caminham na contramão da história. É antítese do sistema atual retificante. É uma valorização do ser, da pessoa e não do ter, do mercado. Em um contexto escolar é reconhecer o valor dos estudantes enquanto aquilo que eles são e não daquilo que os mesmos produzem.

SONHO E REALIDADE: O QUE PODE SER FEITO

Nem tudo aquilo que a gente sonha e projeta é o que acontece. Carecíamos de um espaço mais acolhedor, de melhores condições para realizar o evento. No entanto, se a gente ficasse esperando a estrutura perfeita, eventos como estes talvez nunca aconteceriam. Era este o cenário que tínhamos e foi nele que projetamos a mudança.

Neste capítulo vamos realizar uma narrativa do evento em si, entendendo que:

[...] a narrativa de vida pode constituir um instrumento importante de extração de saberes práticos, com a condição de orientar para a descrição das experiências vividas pessoalmente e dos contextos nos quais eles se inscrevem (BERTAUX 2010, p. 29).

Narraremos de forma cronológica o que aconteceu para, a partir daí socializarmos sobre o que vem acontecendo no âmbito da escola e da Educação. Os personagens, citados e valorizados por Bertaux vão aparecendo no decorrer do relato.

Iniciamos nossa semana com um Culto Ecumênico, envolvendo um pastor da Igreja Batista, um moderador da Igreja Batista e um representante da Igreja Católica pela manhã. Todos os representantes focaram sua reflexão na parábola bíblica dos talentos, parábola esta sugerida pela coordenação do evento. O culto repetiu-se pela tarde. Agora com um Diácono representando a Igreja Católica e um pastor representando a Igreja Batista. Como se tratava de públicos diferentes a temática também foi a mesma. Os representantes foram convidados a partir da demanda e do contexto da escola, sendo esta a justificativa de não convidar representantes de outras religiões não cristãs.

Logo depois do culto tivemos uma palestra de manhã e outra pela tarde com o tema “Limites na/da Educação”. No dia seguinte o dia também foi repleto de atividades. Pela manhã a palestra foi Sexualidade e Afetividade. A tarde foi Sobre Educação, Projeto e História de vida. Depois das palestras tivemos um show com grupo Loucos Conscientes.

Muita consciência e Filosofia nas letras das músicas. O público, principalmente pela manhã aprovou muito esta apresentação. Na quarta a noite, contamos com a palestra de uma advogada, que falou sobre Lei, limites e consequências: escola, família e sociedade.

Todas estas atividades fugiram das nossas programações cotidianas na escola. Foi de encontro à formalidade exigida/imposta pela infertilidade do sistema. Como bem questiona Tombara:

[...] até que ponto o profissional da educação não está submetido à lógica do trabalho não produtivo e, em função disso, expõe-se a um processo de exploração mais acentuado (TOMBARA 2008, p. 22).

Na quinta feira começou o torneio de futsal e as atividades de Educação Física em um clube no Centro da Cidade. O torneio terminou na sexta feira pela manhã. Enquanto acontecia o evento no clube, utilizamos do espaço escolar para reunir com os pais e convidá-los a participar do dia a dia da escola fazendo com que os mesmos compreendam a Escola como um lócus de Emancipação. O evento foi finalizado com o Baile das Máscaras. Baile este que sobre o qual teceremos alguns comentários mais adiante.

VIVÊNCIA X SOBREVIVÊNCIA

Sabemos que este evento não revela o cotidiano da escola. Estamos ainda presos a rigidez das grades disciplinares e a uma educação verticalizada. Estamos presos ao comum, àquilo que as leis nos obrigam a fazer. Muitas vezes a presença é porque a falta traz consequências em nosso salário, o que comprometerá nossa programação individual. O afeto por exemplo não é exigido por leis, diretrizes e estatutos. A LDBEM fala em formar cidadãos, o evento refletia sobre a capacidade de formar pessoas. Não existe lei no mundo que nos force a abraçar, a nos envolver, dar e receber afetos.

Aqui convém dialogarmos com Charlot que questiona e que afirma ao mesmo tempo. Vejamos o que ele salientou nas citações a seguir “[...] cadê a professora “normal”, isto é, a professora que prefere ir à praia namorar a dar aula de matemática?” (CHARLOT 1992, p. 22). Ele tece esta pergunta e mais a frente conclui que [...] a escola contemporânea não deve apenas respeitar as diferenças, ela deve, também, fazer aparecer e registrar

diferenças entre os alunos (CHARLOT 1992, p. 30). Esta escola hodierna deve, precisa e necessita ser mais do que isto, tem que ser diferencial.

O sistema nos mascara, nos desconfigura e muitas vezes nos obriga a acreditar em uma farsa que nós estamos tão inseridos nela que sempre transmitimos aos demais estes conceitos e ideologias inseridos em um contexto de alienação/dominação. Com uma ironia estética Charlot nos questiona sobre a professora normal. Esta professora que não deve ser uma repetição do sistema, mas uma antítese para ele. Ele nos convida a entrar em um processo de reconhecimento e registro das diferenças sob uma perspectiva de alteridade. Já Tombara conclui que:

[...] até que ponto o profissional da educação não está submetido à lógica do trabalho não produtivo e, em função disso, expõe-se a um processo de exploração mais acentuado (TOMBARA 2008, p. 22).

OUTROS OLHARES¹⁸

Outras vozes ecoam neste movimento de narrar. Neste tópico os depoimentos dos alunos ganham voz ao opinarem sobre aquilo que mais lhes marcou nesta semana do abraço/semana dos estudantes.

Por uma questão metodológica vou nomear os alunos por L1, L2, L3, L4 e L5. Escolhemos de forma aleatória estes estudantes e perguntamos a eles o que mais marcou a vida deles as atividades desenvolvidas na semana do abraço.

Para o L1 o que mais o marcou foi a experiência religiosa do culto ecumênico:

L1 – Compreendi que na vida Jesus é a maior força, luz e verdade e que por mais que tenhamos dificuldades, o importante é vendermos e mostrarmos para o mundo que somos capazes.

Já L2 destaca o interesse da Escola em realizar um evento como este. Convém aqui ressaltar que, em todo o Recôncavo só o CEPES realizou uma semana com esta dimensão:

L2 – O que mais me marcou foi o interesse da escola em fazer tudo aquilo... o desempenho da diretora, secretaria, professores e funcionários para organizar tudo aquilo.

¹⁸ Aqui optei por não revelar a identidade dos discentes.

O terceiro e quarto destacaram a palestra da enfermeira e farmacêutica Dra. Teresa Martins sobre sexualidade e afetividade:

L3 – *O que mais me marcou foram a palestra e documentário sobre sexo, as doenças que ela poderia causar em nossa vida.*

L4 – *Eu gostei mais da palestra que ensinou aos estudantes mais sobre sexualidade.*

O quinto também fala sobre a palestra que trouxe como temática a questão da sexualidade:

L5 - *O que eu mais gostei foi da palestra sobre sexo, porque tem muitos pais que não falam sobre isto com os seus filhos.*

Estas vozes rompem com uma possível impessoalidade do texto, pois, como salienta Bertaux:

[...] a narrativa de vida pode constituir um instrumento importante de extração de saberes práticos, com a condição de orientar para a descrição das experiências vividas pessoalmente e dos contextos nos quais eles se inscrevem (BERTAUX 2010, p. 29).

A formalidade não compreende algumas expressões coloquiais. A autenticidade do texto vai aparecendo nas opiniões e descrições micro do processo. Neste movimento contínuo o professor forma e se reforma, pois para D'ávila 1992 “Não se pode restringir, por exemplo, saberes profissionais, dos saberes advindo da universidade” (D'ÁVILA 1992, p. 38). Dávila ainda acrescenta que “Os saberes profissionais são, pois, saberes da ação” (D'ÁVILA 1992, p. 38). Ninguém é pronto ao sair ou ao entrar na faculdade. Cada indivíduo tem a sua história, faz e se faz no processo de interação. Ele constrói e é construído, fabrica e é fabricado - pensando em um contexto industrial capitalista que também é alienado.

A MÁSCARA QUE REVELA

Assim como as máscaras do carnaval revelam o verdadeiro rosto do povo brasileiro, no CEPES as mesmas revelam como os discentes gostariam de ver a escola. Mas que máscaras são estas? Como dinâmica para finalizar o evento, o CEPES

proporcionou aos alunos, no período vespertino, um baile de máscaras. Animado por um DJ regional que tem o nome artístico Futrico.

De forma proposital os estudantes recebiam uma máscara na portaria para talvez ter o comportamento por detrás das máscaras que os mesmos gostariam de ter o ano inteiro. Ao invés de uma escola silenciosa, um ambiente de barulho. Ao invés de uma escola enfileirada pela herança militar, uma escola de mutirão, ao invés do estático o movimento da música, dos corpos e da arte. Não dá para viver uma escola que não comunica:

Vemos que o diálogo e a comunicação trazem contribuições para que as pessoas compreendam melhor o mundo. Pois é se comunicando que são socializadas significações, as mais variadas, entre os indivíduos. Logo, a compreensão do mundo vem do próprio contato do indivíduo com o mundo, passando pela interação com outros seres humanos (SILVA 2006, p. 28).

Não resta a menor dúvida que as máscaras trouxeram a tona um desejo inconsciente. Nada naquela tarde foi igual ao cotidiano. No baile ninguém participava para tirar pontos em determinada disciplina, participava pelo gostar. É o baile pelo baile. Por outro lado, nem todo mundo participava, inclusive docentes; aliás, nem todo mundo ver que caos pode apresentar caminhos e possibilidades para uma nova Educação.

Muitas vezes é preferível acomodar diante das estruturas e aceitar a realidade em que vivemos como um único caminho possível, pois, levantar o tapete dos porões da educação, vestir a camisa ao avesso para perceber o que há de encardido, pode nos incomodar e muito. Será que temos muitas vezes medo do novo nos revelar que aquilo que praticamos a vida toda era um caminho errado?

O certo é que não dá para deixarmos a vida no portão do colégio para vivermos um mundo que não existe no seu interior. Vida, escola e educação são faces de uma mesma moeda e não há dinâmica pedagógica que nos obrigue a pensar diferente disto. A muito tempo já descobrimos que o estudante não é uma massa sem fermento e muito menos uma tábua rasa. Estamos na sala de aula, nos corredores do colégio, em toda a escola diante de pessoas.

Ignorar isto tudo é cruel, é violentar sem carregar nenhuma culpabilidade. A Educação que transforma não pode ser verticalizada, mas sim dialógica horizontal. Não dá

mais para impor o que pensamos, e nem que venhamos a obrigar que o outro seja aquilo que nós sonhamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Urge que a Educação volte a ser espaço de alteridade. Parafraseando Heidegger 2006 *sou sempre aí, com os outros e para a morte*. Somos lançados aí, já nascemos em um mundo entendido e nomeado por outros. Nascemos em um lugar específico, recebemos um nome, cuidados diversos. Esta é uma condição mínima para vivermos, ou melhor, sobrevivermos. Vivemos em um mundo povoado por outros. E a certeza da morte nos convoca a vivermos o presente.

A escola de hoje é sempre uma escola ou do passado ou do futuro e nunca do presente. E o pior é que filosoficamente o que existe é o hoje. O que a literatura chama de *Carpe diem* torna-se neste momento uma voz profética para a Escola. Vivemos por hora lamentando um passado saudosista que já se foi e sonhando com um futuro que ainda não existe. E o que é pior e real é que não temos nenhuma certeza que o futuro virá.

Há que se viver as peripécias e a inteireza do hoje. Precisamos mais uma vez romper a cortina do templo e promover a vida. E não é só com dinheiro e recursos que estas coisas se constituem, mas com mudança de postura. A escola precisa voltar a ser um lugar para sonhar. A semana do abraço não pode ser apenas uma semana isolada durante o ano letivo. O afeto se dá em todos os momentos em que damos conta de que o outro que está em nossa frente é pessoa e não coisa.

A escola não pode ser continuidade de um processo de retificação em que as coisas valem mais que as pessoas, em que as convicções da tradição conteudista e disciplinar tome o lugar da esperança.

Há que derrubar muros e construir pontes. Abrir os braços ao invés de defender. Lutar, sonhar, acreditar.

Por fim, usamos da arte musical para expressar o que ainda a linguagem não traduz. Gabriel O Pensador diz ao cantar “Estudo errado”:

- Atenção pra chamada! Aderbal?
- Presente!
- Aninha?
- Eu!

- Carol?
- Presente!
- Douglas?
- Alô!
- Fernandinha?
- Tô aqui.
- Geraldo?
- Eu!
- Itamarzinho?
- Faltou.
- Juquinha?

Eu tô aqui pra quê?

Será que é pra aprender?

Ou será que é pra sentar, me acomodar e obedecer?

Tô tentando passar de ano pro meu pai não me bater

Sem recreio de saco cheio porque eu não fiz o dever

A professora já tá de marcação porque sempre me pega

Disfarçando, espiando, colando toda prova dos colegas

E ela esfrega na minha cara um zero bem redondo

E quando chega o boletim lá em casa eu me escondo

Eu quero jogar botão, video-game, bola de gude

Mas meus pais só querem que eu "vá pra aula!" e "estude!"

Então dessa vez eu vou estudar até decorar cumpádi

Pra me dar bem e minha mãe deixar ficar acordado até mais tarde

Ou quem sabe aumentar minha mesada

Pra eu comprar mais revistinha (do Cascão?)

Não. De mulher pelada

A diversão é limitada e o meu pai não tem tempo pra nada

E a entrada no cinema é censurada (vai pra casa pirralhada!)

A rua é perigosa então eu vejo televisão

(Tá lá mais um corpo estendido no chão)

Na hora do jornal eu desligo porque eu nem sei nem o que é inflação

- Ué não te ensinaram?

- Não. A maioria das matérias que eles dão eu acho inútil

Em vão, pouco interessantes, eu fico pu..

Tô cansado de estudar, de madrugar, que sacrilégio

(Vai pro colégio!!)
Então eu fui relendo tudo até a prova começar
Voltei louco pra contar:
Manhê! Tirei um dez na prova
Me dei bem tirei um cem e eu quero ver quem me reprova
Decorei toda lição
Não erreí nenhuma questão
Não aprendi nada de bom
Mas tirei dez (boa filhão!)
Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi
Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi
Decoreba: esse é o método de ensino
Eles me tratam como ameoba e assim eu não raciocino
Não aprendo as causas e conseqüências só decoro os fatos
Desse jeito até história fica chato
Mas os velhos me disseram que o "porque" é o segredo
Então quando eu num entendo nada, eu levanto o dedo
Porque eu quero usar a mente pra ficar inteligente
Eu sei que ainda não sou gente grande, mas eu já sou gente
E sei que o estudo é uma coisa boa
O problema é que sem motivação a gente enjoa
O sistema bota um monte de abobrinha no programa
Mas pra aprender a ser um ingonorante (...)
Ah, um ignorante, por mim eu nem saía da minha cama (Ah, deixa eu dormir)
Eu gosto dos professores e eu preciso de um mestre
Mas eu prefiro que eles me ensinem alguma coisa que preste
- O que é corrupção? Pra que serve um deputado?
Não me diga que o Brasil foi descoberto por acaso!
Ou que a minhoca é hermafrodita
Ou sobre a tênia solitária.
Não me faça decorar as capitâneas hereditárias!! (...)
Vamos fugir dessa jaula!
"Hoje eu tô feliz" (matou o presidente?)
Não. A aula

Matei a aula porque num dava
Eu não agüentava mais
E fui escutar o Pensador escondido dos meus pais
Mas se eles fossem da minha idade eles entenderiam
(Esse num é o valor que um aluno merecia!)
Ííih... Sujô (Hein?)
O inspetor!
(Acabou a farra, já pra sala do coordenador!)
Achei que ia ser suspenso mas era só pra conversar
E me disseram que a escola era meu segundo lar
E é verdade, eu aprendo muita coisa realmente
Faço amigos, conheço gente, mas não quero estudar pra sempre!
Então eu vou passar de ano
Não tenho outra saída
Mas o ideal é que a escola me prepare pra vida
Discutindo e ensinando os problemas atuais
E não me dando as mesmas aulas que eles deram pros meus pais
Com matérias das quais eles não lembram mais nada
E quando eu tiro dez é sempre a mesma palhaçada.
Refrão
Encarem as crianças com mais seriedade
Pois na escola é onde formamos nossa personalidade
Vocês tratam a educação como um negócio onde a ganância, a exploração, e a indiferença são
sócios
Quem devia lucrar só é prejudicado
Assim vocês vão criar uma geração de revoltados
Tá tudo errado e eu já tou de saco cheio
Agora me dá minha bola e deixa eu ir embora pro recreio...
Juquinha você tá falando demais assim eu vou ter que lhe deixar sem recreio!
Mas é só a verdade professora!
Eu sei, mas colabora se não eu perco o meu emprego.

REFERÊNCIAS

BERTAUX, D. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Trad. de Zuleide Alves Cardoso Cavalcante e Denise Maria Gurgel Lavallée. São Paulo: Paulus, 2010.

- CHARLOT, B. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador em contradição. **Revista FAEEBA**, v. 1, Ed. 30, n.1 (jan./jun.,1992) – Salvador, UNEB 1992.
- D'ÁVILA, C. Formação docente na contemporaneidade: limites e desafios. **Revista FAEEBA**, v. 1, Ed. 30, n.1 (jan./jun.,1992) – Salvador, UNEB 1992.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- JESUS, F. P. ; SONNEVILLE, J. J. O paradigma da complexidade na formação docente contemporânea. **Revista da FAEEBA**, Salvador/BA, v. 17, n. 30, p. 59 – 73, jul/dez, 2008.
- TOMBARA, E. Karl Marx: Contribuições para a investigação em História da Educação no século XXI. In: FILHO, Luciano Mendes de Faria. **Pensadores Sociais e História da Educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- SILVA, W. B. **Da programação neurolinguística: uma reflexão sobre o papel da comunicação na Educação Popular**. 2006. 85 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.